



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## JOAQUIM CATUNDA: O PENSAMENTO EVOLUCIONISTA E RACIAL NO CEARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO DE XIX

Nivia Marques Monteiro\*

A vida aqui evoluiu, como no outro hemisfério, modificando o typo primitivo, dando-lhe uma infinidade de fôrmas enriquecendo-o de predicados, sem jamais atingir ao typo superior em que se produzir o pensamento; as leis que acolá regeram a evolução do sêr através da longa serie de encadeamentos do reino animal e vegetal, tiveram aqui uma pausa funesta no momento mais importante do processo evolutivo; a criação como que ficara decapitada no continente americano.<sup>1</sup>

O presente artigo faz parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento sobre Joaquim de Oliveira Catunda. Catunda foi intelectual e político cearense, autor do livro *Estudos de História do Ceará*, cuja primeira edição é de 1886, um dos fundadores do *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, em 1887, como também representante do Ceará no Senado da República.

A pesquisa em andamento tem como objetivo compreender as concepções científicas de Joaquim Catunda traçando sua trajetória político-intelectual. Ademais pretendemos analisar a recepção das ideias europeias de cunho raciaalista e evolucionista

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Orientada pelo Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira. Bolsista FUNCAP.

<sup>1</sup> CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição. Página 19.

- como darwinismo e outros evolucionismos -, as apropriações e as discordâncias, para entender como essas questões aliadas ao discurso historiográfico perpassam os trabalhos deste intelectual. E ainda, discutir a constituição de um pensamento racial no Ceará na segunda metade do século XIX, percebendo os diálogos, aproximações e embates entre Catunda e outros intelectuais.

O recorte temporal – segunda metade do século XIX – justifica-se pelo objetivo de compreender as concepções científicas de Joaquim Catunda, e também discutir a recepção das ideias europeias de cunho racialista e evolucionista no Ceará. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, a década de 1870 foi um momento propício para a chegada dessas ideias no Brasil. Schwarcz nos chama a atenção que é preciso compreender a apropriação destas ideias no Brasil não como meras cópias dos modelos europeus, mas que se faz necessário compreender a historicidade destas ideias, percebendo a originalidade do pensamento racial brasileiro, no caso desta pesquisa, da intelectualidade cearense.<sup>2</sup>

A produção escrita de Joaquim Catunda situa-se na década de 1880, mas alargamos a periodização para perceber seus espaços de atuação política e intelectual, apreendendo como se deu o desenvolvimento de suas relações sociais. Catunda estudou no *Liceu do Ceará* na década de 1840, foi para o Rio de Janeiro em 1853, onde serviu no 1º Batalhão de Artilharia e teve sua formação em Agronomia pela *Escola Militar Imperial*, no período entre 1857 e 1860. Exerceu diversos cargos públicos como: Escriurário da Alfândega (1862 - 1864) e Secretário Estadual. Sua presença na área da educação foi constante, sendo nomeado professor de instrução primária no Ipu em 1867. Ainda foi professor de Filosofia do *Liceu do Ceará* e professor de alemão da extinta *Escola Militar do Ceará*, em 1882. Foi Diretor da Instrução Pública e eleito senador da República nos períodos entre 1890 e 1900, e 1900 e 1907.<sup>3</sup>

A segunda metade do século XIX, na província do Ceará, foi marcada por intelectuais que buscavam construir uma identidade cearense, sintetizar a história do Ceará, e assim, compreender o engendramento da sociedade que compunha esta

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>3</sup> STUDART, Guilherme. Dicionário Biobibliográfico Cearense. v. 2. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1913.

província, para assim inseri-la no processo civilizatório, de desenvolvimento e progresso da *Nação*. Conforme Almir Leal de Oliveira, no final da década de 1880 havia no Ceará alguns trabalhos que tinham a proposta de sintetizar a História do Ceará – como os de Capistrano de Abreu e Thomás Pompeu, ou até mesmo anterior à década de 80, como Tristão de Alencar Araripe –, mas não havia um consenso entre eles. A escrita da história configura-se naquele momento um lugar de disputa.

Essa ausência de uma narrativa convincente para os temas de história cearense mobilizou diferentes intelectuais a estabelecerem as convenções aceitáveis sobre o começo histórico do Ceará e de sua trajetória no tempo. Para uma sociedade que procurava se definir como nova, civilizada e moderna, a datação de suas origens, dos marcos de sua singularização, [p.12] representava a possibilidade concreta de municiar-se de referências identitárias e, a partir de uma cruzada pela delimitação de seu passado, definir-se num presente incerto, estabelecer as escolhas que definiriam suas formas e contornos dentro da nacionalidade pretendida.<sup>4</sup>

Esses debates de análise da sociedade e de interpretação da história cearense teriam como aparato as ideias de cunho racial elaboradas na Europa em meados do século XIX. Renato Ortiz e Lilia Moritz Schwarcz afirmam que três teorias teriam ressonância entre os intelectuais brasileiros: o Positivismo de Auguste Comte, o Darwinismo Social, e o Evolucionismo de Spencer.

Uma das formas de produzir e veicular um determinado discurso foi criar o *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*. O surgimento do instituto se deu em 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza. Entre os fundadores do *Instituto do Ceará*, encontramos Joaquim de Oliveira Catunda, um dos intelectuais que fomentava as discussões sobre a sociedade cearense, e buscava através do discurso histórico por em prática o projeto intelectual civilizador da sociedade cearense.<sup>5</sup>

Neste estudo, como dito anteriormente, particularmente nos interessa a figura de Joaquim de Oliveira Catunda para a compreensão da recepção das ideias evolucionistas e racialistas europeias no Ceará, e ainda a constituição de um pensamento racial cearense na segunda metade do XIX aliado ao discurso histórico. Em

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914)**. 2001. São Paulo: Tese de Doutorado PUC – SP, 2001. Página: 11 e12.

<sup>5</sup> Idem. Página 13.

contato com seus escritos, precisamente o livro *Estudos de História do Ceará* (1886), nos chama atenção à escolha de Catunda pela argumentação histórica em suas indagações – visto que Catunda tinha sua formação em Agronomia, mostrando que esses intelectuais percorriam várias áreas do saber – e como esta se constituiu a partir de uma abordagem étnico-racial da história do Ceará.

Segundo Almir Leal de Oliveira, na análise do livro *Estudos de História do Ceará* em sua tese de doutoramento, Joaquim Catunda teria sido um dos principais expoentes do pensamento racial no Ceará. E afirma, “[...] Catunda representou o modelo mais acabado de uma abordagem racista e ‘evolucionista’ racial da história do Ceará”<sup>6</sup>. Quem foi este homem que se dizia alemão<sup>7</sup>, que possuía um pensamento tão peculiar no meio intelectual cearense, mas tão pouco citado na historiografia? Será realmente que Catunda possuía um modelo elaborado de pensamento evolucionista e racial sobre a história do Ceará?

## A ESCRITA DE JOAQUIM CATUNDA E SUA CONCEPÇÕES

4

Partindo dos escritos de Joaquim Catunda, parece que o autor estava bem familiarizado com as leituras europeias, compreendemos que este se aproximou das ideias evolucionistas e racialistas de pensadores europeus e apropriou-se das diversas correntes evolucionistas, como a teoria darwinista da evolução em sua produção historiográfica. Procuramos entender como Catunda elabora o seu próprio pensamento sobre o passado, o presente e o futuro da sociedade cearense, e assim, discutir como constituiu uma narrativa a partir da evolução e da raça. E mais, pensar a escrita de Catunda nesse encontro entre história e biologia, precisamente história e a biologia evolucionista, a história e o meio.

---

<sup>6</sup> Idem. Página 74.

<sup>7</sup> No livro **Um Soldado do Império: o General Tibúrcio e Seu Tempo**, de José Aurélio Saraiva Câmara, há um capítulo dedicado às correspondências trocadas entre Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, o General Tibúrcio, e seus pares, dentre estas correspondências há uma carta de Joaquim Catunda dirigida ao general Tibúrcio, escrita em 31 de março de 1880. Nesta carta, Catunda afirma: “Parece-me que tua província (eu sou alemão, reneguei a nacionalidade) vai entrar em uma nova fase.” In: CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Um Soldado do Império: o General Tibúrcio e Seu Tempo**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2003. P.411 e 412.

[...]. As sábias investigações de Darwin na Inglaterra, os profundos trabalhos de Heckel na Alemanha, a indagação paciente dos anthropologistas de todos países civilizados, solveram afinal o problema, tanto tempo embaraçado de extranhas considerações theologicas.<sup>8</sup>

Podemos constatar então, que Joaquim Catunda compartilha das teorias racialistas - ou do racionalismo - propostas por pensadores na Europa do século XIX. Percebemos isso quando o autor se refere aos grupos humanos classificando-os por raças, se utilizando de exemplos culturais indígenas e europeus para admitir que há diferenças entre “as raças”, e mais, que há uma hierarquização entre elas.<sup>9</sup>

A família, na accepção que tem a palavra nas sociedades humanas, não a conheciam elles. Na rude natureza do índio o processos de sêr que elabora no fundo obscuro do inconsciente os sentimentos affectuosos d'alma, não transformara em amôr o instincto reproductor e conservador da especie.<sup>10</sup>

Um dos documentos fundamentais para compreensão do pensamento exposto por Joaquim Catunda é o livro intitulado *Estudos de História do Ceará*, publicado em 1886, e reeditado em 1919, por Gilberto Câmara<sup>11</sup>. Um dos primeiros questionamentos feitos com a leitura desta fonte foi o porquê de escrever um livro sobre a História do Ceará, ou seja, a que se propunha Joaquim Catunda ao escrever *Estudos de História do Ceará*. Ora, Catunda era agrônomo de formação, mas elegeu a história para por em prática seu discurso. Percebe-se que era comum o movimento desses intelectuais entre as várias áreas do saber, já que possuíam uma formação múltipla. É preciso compreender como este livro inseriu-se no pensamento cearense como projeto político, trabalho que possui um discurso pautado na verdade histórica positiva e na questão

<sup>8</sup> CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição. Página 6.

<sup>9</sup> Utilizaremos o termo racionalismo, justamente por nos apropriamos da distinção, entre racionalismo e racismo, feita por Todov. In: TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

<sup>10</sup> CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição. Página 27.

<sup>11</sup> Gilberto Câmara foi um jornalista cearense. Gilberto Câmara era casado com a neta de Catunda. Sobre Gilberto Câmara ver: NOBRE, Geraldo. **As sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

racial. Logo nos questionamos, quais foram os usos desta escrita histórica e quais as implicações deste discurso?

Catunda inicia seu livro, falando das origens da palavra *Ceará*. Definir a significação da palavra *Ceará* era uma problemática constante entre os intelectuais oitocentistas fortalezenses. Para esse debate, o autor cita o trabalho de Cândido Mendes *Memória para a História do Maranhão*, afirmando que a argumentação deste autor é a melhor explicação da origem do termo. Na introdução, o autor afirma que um dos principais questionamentos que norteavam o pensamento humano seria a origem do homem. Ele afirma que o “espírito humano” teria buscado por muito tempo suas respostas na religião. Catunda utiliza-se dessa discussão para pensar o embate entre fé e razão, e nessa perspectiva defender a ciência. Catunda discute a questão entre fé e razão, afirmando: “Mas, á medida que se foram enriquecendo as sciencias e se revelando á razão as leis que regem a natureza phenomenica, se foi também apagando a fé nas regiões superiores do pensamento, [...]”<sup>12</sup>

Podemos observar como o autor expõe sua defesa em relação à ciência, ao “espírito científico” ao expor sua concepção de história, mas será que ele realmente rompe com a explicação divina?

A história vem a sêr assim a verdadeira theodicéa, o registro dos momentos principais do labor divino através da forma, a revelação permanente de Deus no seio da humanidade. E’ por isso que ella não faz selecções. Todas as raças em que começam as evoluções lógicas do espírito, todos os níveis de civilização, todas as manifestações da consciência moral e religiosas da humanidade são igualmente preciosas para o historiador cuja missão é de transportar ao seio das realidades que descreve, compreender a razão de sêr das instituições polítics e sociaes, a necessidade na sucessão dos fenômenos e as leis que determinam todas as situações históricas.<sup>13</sup>

E ainda, justifica o porquê de se estudar a História do Ceará. Segundo ele, mesmo a população do Ceará sendo descendente de uma “raça inferior”, o historiador tem o dever de estudá-la:

---

<sup>12</sup> CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição. Página 4 e 5.

<sup>13</sup> Idem. Página 7 e 8.

O povo cearense, sem essas brilhantes evoluções que dramatizam a história das raças nobres, sem ornamentação no cenário que apaixone a arte, sem grandes commettimentos com que refoleguem as almas sedentas do bello ideal, inspira, todavia ao pensador o interesse de uma das manifestações do espírito universal, a objectivação da idéia em typo sul americano.<sup>14</sup>

Um aspecto importante que podemos observar nos trabalhos de Catunda – como também em outros autores cearenses, entre os quais podemos citar Capistrano de Abreu<sup>15</sup> – é sua preocupação com o *meio*, ou seja, a influência da natureza sobre o homem e a sociedade. Esse Naturalismo está presente no segundo capítulo, *Relevo e Aspecto do Solo. Clima*, nele Catunda descreve as características naturais, com o objetivo ressaltar os problemas da natureza cearense. Catunda relaciona a questão do *meio* como determinante para o desenvolvimento ou não das sociedades, neste caso a província do Ceará em relação ao progresso e à civilização.

Tudo no Ceará accusa uma natureza uniforme nos seus aspectos e extenuada nos seus processos. Os contrastes se realizam por gradações aproximadas; ausência quase absoluta do grande. Os montes sem elevação, os valles estreitos, os rios sem profundêza, a vegetação rachitica e atrophiada, a fauna minguada de variedade e de fórmãs, a paysagem sem grandeza. A tudo o pequeno imprimiu o sello, excepto ao aspecto do céu e do mar. Foi como nota que desafinou na escala harmônica das creações sul-americanas.<sup>16</sup>

Analisando o artigo de Catunda publicado na Revista do *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*, intitulado *As Evoluções do Clima*, o autor tem como objetivo problematizar a questão da “evolução climática”. Para o autor, o clima seria um importante aspecto a ser estudado. Ele pensa o desenvolvimento do planeta para chegar ao desenvolvimento da humanidade. Catunda defende a importância da ciência para desvendar e responder questões que continuariam “nebulosas”, que a religião não explicaria totalmente, dito de outra forma, somente o “domínio da ciência” poderia explicá-las. Para o desenvolvimento de suas indagações, o autor recorre a explicações astronômicas, geográficas, e ainda da paleontologia vegetal.

<sup>14</sup> Idem. Página 8.

<sup>15</sup> “Esta situação, que faz do Brasil um dos mais belos países do mundo, faz de seus habitantes um dos povos mais fracos”. Capistrano fala da exuberante natureza brasileira. In: ABREU, Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Livraria Brigueit Ed., 1931; vol.1.

<sup>16</sup> CATUNDA, Joaquim. **Estudos da História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição. Página 15.

Outro ponto a ser discutido é a visão de Catunda em relação ao indígena que é analisada em *Habitantes Primitivos*, esta discussão é retomada pelo autor em outros momentos, porém aqui, o autor lança a questão das “origens americanas”, e discorre sobre as diversas teorias acerca da ocupação dos primeiros habitantes na América. Percebemos essa preocupação com as origens, também em seu artigo: *Origens Americanas*, publicado pelo *Instituto do Ceará*. Ele defende ser pouco provável a teoria das emigrações, e sustenta o autoctonismo dos habitantes da América. “Emquanto, portanto, não se provar o contrario deve-se admitir que o homem americano é um producto do sólo americano e que appareceu neste hemispherio em uma antiguidade pelo menos tão remota quanto no << velho mundo >>.”<sup>17</sup>

Segundo Catunda duas “raças indígenas” ocupavam o território brasileiro: “os autóctones”, o tipo mais selvagem, e “os invasores”. Ele justifica sua abordagem em relação aos tupinambás – os quais seriam as tribos invasoras – porque estes fariam parte das tribos que predominavam no Ceará no período colonial. Defende ainda, como muitos outros autores contemporâneos a ele, a inferioridade dos tupinambás. Faz uma análise dos seus costumes, e aponta as possíveis causas, do pouco desenvolvimento dessas populações.

Importante observar a constituição da abordagem étnico-racial da história do cearense em relação aos sujeitos históricos feita por Joaquim Catunda a partir do livro em questão *Estudos da História do Ceará*. Catunda formula um pensamento baseado na raça e no evolucionismo quando descreve aspectos das comunidades indígenas em relação a seus costumes e suas as crenças. Se por um lado muitos intelectuais apropriavam-se do indígena como uma figura emblemática, importante na origem do povo brasileiro e cearense, Catunda por outro, parece não ter esse propósito, e assim define as tribos indígenas como uma raça inferior.

Raça inferior, incapaz de produzir uma grande civilização nem de aliunde recebê-la, haviam os tupinambás atingido ao maior grão de cultura de que eram susceptives, o do período neolito, perfeitamente caracterizado: andavam nus, caçavam, pescavam, tinham princípios de lavoura, e poliam a pedra de que faziam instrumentos.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Idem. Página 22.

<sup>18</sup> Idem. Página 25.



No sexto capítulo do livro, *Povoamento do Ceará – aldeamentos – fusão das raças – eliminação dos elementos irreductíveis*, Catunda dedica-se a pensar sobre século XVII, momento posterior à desocupação holandesa, como um período de retrocesso. Na análise de Catunda sobre as bandeiras empreendidas na Capitania, as alianças entre as “raças” branca, negra e indígena seriam o início da fusão dos “diversos elementos étnicos” para formariam a população oitocentista. O autor fornece a descrição de uma bandeira bahiana que percorreu a Capitania, que teria sido guiada por um negro, utiliza-se desse exemplo para tocar na questão do negro e do índio como raças inferiores, em sua concepção apesar de ambas as raças serem de ordem inferior, o negro seria superior ao índio, amparando-se em uma análise sociológica e antropológico de ambos. São perceptíveis as referências evolucionistas de Catunda, especificamente do evolucionismo darwinista, quando no final deste capítulo, defende a tese do desaparecimento da “raça tupica” no Ceará, pensamento essa questão a partir de um processo evolutivo que faz “desaparecer o que não tem mais razão de ser” ou quando se utiliza da ideia da seleção natural.

9

Joaquim Catunda insere-se em um momento onde surgem vários projetos que propõem encontrar o lugar do Ceará na concepção de uma Nação Brasileira, percebemos então como ele analisava a sociedade cearense do XIX a partir do estudo de sua história e qual a sua proposta para esta. Neste sentido, compreendemos que a escrita histórica e os discursos empreendidos são práticas socioculturais. Desta forma, a pesquisa julga pertinente o estudo da constituição de um pensamento evolucionista e racial no Ceará, se detendo à pesquisa da historicidade das instituições, dos valores, e das ideias que nortearam a produção intelectual na sociedade cearense no século XIX. Estudar a relação que Joaquim Catunda tece entre história, identidade cearense, evolucionismo e pensamento racial é um caminho para compreendermos a experiência e o debate da conformação de um movimento de ideias científicas na segunda metade do século XIX no Ceará.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Livraria Briguiet Ed., 1931; vol.1.

ALBUQUERQUE, Manuel Coelho. **Seara indígena: deslocamentos e dimensões identitárias**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado - UFC, 2002.

ARARIPE, Tristão de Alencar Araripe. **História da província do Ceará**. 2ª edição. Fortaleza: 1958.

CEZAR, Temístocles. **Como deveria ser a escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual**. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DESMOND, Adrien e JAMES, Moore. **A causa sagrada de Darwin. Raça, escravidão e a busca pelas origens da humanidade**; tradução Dinah Azevedo. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

DUARTE, Regina Horta. **História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias**. In: Hist. cienc. Saúde - Manguinhos vol.16, no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2009.

FERREIRA, Lúcio Menezes. **Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial**. Hist. cienc. Saúde - Manguinhos vol.13, no.2 Rio de Janeiro Apr./June. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)** / tradução Maria Ermantina Galvão. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos).

GUALTIERI, REGINA CÂNDIDA ELLERO. **Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus (1870-1915)**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. **Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 1, 1998, p.5-27.

\_\_\_\_\_. **Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A República, a história e o IHGB**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto P. (orgs.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto P. (orgs.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

HOBBSAWM, E. J.. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro: historia de uma ideologia**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto. 2006.

NOBRE, Geraldo. **As sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC – SP, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914)**. 2001. São Paulo: Tese de Doutorado PUC – SP, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RAMOS, Maria Bernadete Ramos. **Caliban e Ariel, acerca do anti-herói brasileiro. O Brasil varonil e política de raça**. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **História Ocultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Passado Sedutor: a História do Ceará entre o fato e a fábula**. In: **Em Tempo: História, Memória, Educação**./ Kênia Sousa Rios e João Ernani Furtado Filho [organizadores]. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. **Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense**. v. 2. Fortaleza: Tipografia à Vapor, 1913.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.